

Blumenau em cadernos

TOMO XXXII

Maio de 1991

Nº. 5

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87



Prof. JOAQUIM FLORIANI
Caixa Postal, 622 - BLUMENAU

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Dietrich Schmidt
WANGNER — Reutlingen — R.F.A.
Walter Schmidt Comércio e Indústria
Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Casa Mayer
Lindner, Herwig, Shimizu — Arquitetos e Associados
Sul Fabril S/A.
Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXII

Maio de 1991

Nº. 5

SUMÁRIO

Página

Histórico da Igreja Matriz de São Francisco de Assis - Rodeio - SC	130
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	132
Imigração/Colonização	134
Um pouco da história de Apiúna — M. Deretti	137
Relatório trimestral das atividades do Arquivo Histórico JFS.	138
Um Luso-Brasileiro em Blumenau — Rui Moreira da Costa	140
Subsídios Históricos — Rosa Herkenhoff	144
Escritor Viajante — Jácomo Mandatto	145
Lagoa de Açaguacu — Antônio Roberto Nascimento.	147
Cartas	150
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (I)	151
Aconteceu — Abril de 1991	155
Um pouco da história da Comunidade Evangélica de Badenfurt	160

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) Cr\$ 5.000,00

Número avulso Cr\$ 300,00 — Atrasado Cr\$ 500,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) Cr\$ 10.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711
89.015 — B L U M E N A U — SANTA CATARINA — B R A S I L

Capa - Desenho: Elias Boell Júnior * Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

Histórico da Igreja Matriz de São Francisco de Assis - Rodeio - SC

(Extraído do jornal «Pomerode», edição especial).

O marco inicial dessa história teve como semente o dia 22 de abril de 1892, quando os franciscanos tomaram posse da Paróquia de Blumenau, a qual pertencia a colônia de Rodeio, até então entregue à cura do Padre José Maria Jacobs, vigário de Blumenau.

A Capela provisória que até então existia, a da «Madona Dolorata», era de madeira, seu estado precário e insuficiente para a demanda da população essencialmente católica advinda do norte da Itália, gerou a formação de outro prédio mais espaçoso. Por isso a 16 de abril de 1893 foi inaugurado um prédio de 2 andares que servia de moradia para os sacerdotes, como escola e como capela. Neste mesmo ano os moradores de São Virgílio (Rodeio 50) e Santo Antônio (Rodeio 12) começaram também a erigir suas respectivas capelas, sempre no objetivo de servir como Igreja e escola.

Em 1894, sob a liderança de Frei Luciano e a colaboração de imigrantes e seus filhos, foi lançada a pedra fundamental da Igreja Matriz em terrenos doados por Valentino Fruet e Leonardo Scoz. Em 1895 a Província Franciscana do Sul criou em Rodeio uma residência para 2 sacerdotes e dois irmãos leigos. Isto motivou a edificação de uma casa anexa, com alguns quartos, um modesto refeitório e uma capelinha para o Santíssimo. As necessidades religiosas, porém, reclamavam uma igreja de maiores proporções, com

35m de comprimento por 15m de largura. Para isto foi preciso fazer o desaterro no alto da colina, a transferência do cemitério, a adução de água encanada provinda da nascente da montanha que distava uns 700 metros.

A 11 de outubro de 1897 foi dada, solenemente, a 1ª picareta para a colocação dos alicerces. Os mestres de construção foram os senhores Giosué Fiamoncini e Nicola Moser, verdadeiros arquitetos portadores de diplomas de Trento (Itália). Eles foram os supervisores de toda a obra magnífica, uma réplica aproximada da Igreja de Assis, na Itália.

A pedra fundamental do templo foi colocada na boca do futuro presbitério, a 2 de fevereiro de 1898.

A partir daí, 6 hábeis pedreiros trabalharam na obra permanentemente. Os demais serviços de mão-de-obra foram executados pelos imigrantes e suas famílias, dando cada qual, um dia de serviço por semana, gratuitamente. Gratuito foi também o madeiramento. O orçamento aproximado da obra foi de 34.586\$000 segundo fontes da igreja na época. Outras fontes apontam o total de 42 contos de réis. Em 1899 foram terminados os serviços do interior da igreja, pintura, altares, banco, púlpito e confessionários.

A bênção da igreja foi dada a 4 de junho de 1899, numa grande solenidade, data oficial da inauguração. Os sinos, resultado de doações de esmolos, foram inaugura-

dos em 1902, na torre de 27m de altura, de cúpula arredondada em estilo romano. Assim estava definitivamente construído o majestoso templo de estilo gótico romano. No mesmo ano também foram introduzidos: o harmônio, o órgão, 4 imagens, avaliados em 11.000\$000. O pequeno convento, dedicado ao patriarca São Francisco, construído anexo ao templo, com 9m de frente e inaugurado a 4 de outubro de 1899 com 4 sacerdotes e 3 irmãos leigos. Em seguida foram construídos os muros que sustentariam os flancos da coluna. Em 1901 a Província da Imaculada Conceição transferiu o noviciado da Ordem Franciscana para Rodeio, circunstância que motivou modificações no primitivo convento, ampliado em 1902, em 1903, em 1928, com capacidade para abrigar 60 religiosos. O presbitério foi prolongado mais seis metros. Devido ao progresso religioso na próspera colônia, a 8 de julho de 1900 a Diocese elegeu Rodeio à categoria de Paróquia.

O órgão inaugurado a 5 de janeiro de 1906, um dos melhores e mais raros existentes no País, fabricado artesanalmente, foi doado, através de Frei Lucínio, por uma pessoa de Hamburgo, Alemanha.

O frete foi pago pelo governo brasileiro. Hoje o órgão constitui patrimônio histórico indiscutível da Paróquia.

A Igreja Matriz de São Francisco de Assis, hoje restaurada, se não de todo, mas grande parte de sua estrutura conservada, representa patrimônio valioso da história memorável dos imigrantes italianos, de seus descendentes e sobretudo da incansável liderança da Ordem Franciscana do Brasil. Orgulho de várias gerações, verdadeiro cartão de visitas da cidadezinha simpática de Rodeio, no Vale do Itajaí. Graças ao amplo e fecundo apostolado dos Padres Franciscanos, em prol de seu povo bom e laborioso, São Francisco imprime do alto da Matriz, na memória de seus fiéis, o marco inextinguível de sua restauração, conquistada graças ao esforço de todos os paroquianos que, a exemplo de seus bravos antepassados cooperaram na obra da restauração. A reinauguração acontece no dia 19 de maio de 1991, na tradicional Festa de Nossa Senhora de Fátima.

(Pesquisa elaborada por Iracema Moser Cani).

Rodeio/Maio/1991

Prefeito retorna da Alemanha

Procedente da Alemanha, onde visitou diversas cidades a convite de prefeitos de cidades daquele país, retornou a Blumenau no dia 21 do corrente o prefeito Victor F. Sasse.

O Chefe do Executivo blumenauense, que se fez acompanhar de sua esposa da. Marita, retornou satisfeito com os resultados da visita àquele país, tendo sido um de seus mais amplos contatos

o que fez na cidade de Weingarten. Também visitou a cidade natal do Dr. Blumenau, Hasselfelde, onde também recebeu várias homenagens.

O prefeito Sasse também encontrou-se com a sra. Juta Blumenau, bisneta do Dr. Blumenau, com a qual fez a visita a Hasselfelde.

Sasse tomou posse do governo municipal no dia seguinte ao seu regresso, ou seja, dia 22.

O PRÍNCIPE — MARUJO.

Acaba o Arquivo Histórico de Joinville de publicar interessante opúsculo contendo a síntese biográfica de François Ferdinand Phillippe (François D' Orleans), o Príncipe de Joinville, patrono da cidade. Era ele o terceiro filho de Luis Filipe, Rei da França, e casado com a Princesa Dona Francisca, filha de D. Pedro I e irmã de D. Pedro II. Pertenceu à Marinha Francesa, como oficial, tendo até exercido o comando - geral. Embora fosse também pintor e escritor, sua paixão era a Armada e a carreira militar o fascinava, participando ativamente de inúmeras ações militares. Por ocasião de seu casamento com a Princesa ao norte de Santa Catarina, onde hoje está situada a cidade de Joinville, a princípio denominada Colônia Dona Francisca, terras essas que o Príncipe, ao que me parece, não chegou a conhecer, embora tenha visitado o Brasil duas vezes. Com a proclamação da República francesa, François amargou longo e penoso exílio, período em que viveu grandes aventuras em outros países. Mais tarde, retornando à pátria, foi reintegrado na Marinha no posto de vice - almirante.

O trabalho agora publicado se deve às incansáveis pesquisas de Creso Coimbra, historiador paraense e oficial do Exército, que serviu inclusive no Forte de São Francisco do Sul, autor também de vários outros ensaios. Partindo de um texto francês de Charles Yriarte, encontrado no Arquivo Histórico de Joinville, o estudioso paraense realizou uma tradução "livre e espontânea", acrescentando - lhe "numerosos acréscimos, principalmente analíticos e comparativos." Contando com a colaboração de diversas senhoras joinvilenses, chegou afinal ao texto agora apresentando ao público e que dá uma visão sumária mas confiável da figura pouco conhecida da maioria dos leitores que foi François D' Orleans. Como assinalou o escritor Apolinário Ternes, a publicação do texto "vem preencher uma das mais sentidas lacunas da bibliografia existente sobre Joinville."

QUANDO?

E por falar em Apolinário Ternes quero felicitá-lo pelo artigo "Escrever & Ler", há pouco estampado em "A Notícia". Nele o autor comenta a desorientação que hoje se abate sobre muitos escritores, mais preocupados em ocupar o noticiário da imprensa que em construir uma obra séria e duradoura. Estão em toda parte, viajando, falando, discutindo, criticando, badalando. Estão em tudo: comissões, concursos, certames, entidades, o diabo - a - quatro. Tenho a impressão de que se confundem com cantores populares ou atores de telenovelas.

Ora, o ato de escrever ou ler é exigente, exclusivista requer si-

lêncio, paciência, concentração e trabalho. Para bem exercitá-los são necessárias a quietude e a solidão. Como eles estão “em todas”, sempre, *urbi et orbi*, e considerando que, como seres humanos que são, presume-se que dormem, comem e praticam outros atos menores mas indispensáveis, vale a pergunta: quando escrevem?

NOVOS LANÇAMENTOS

Numa criteriosa seleção de Lauro Junkes, a quem tanto devem nossas letras, foi publicado pela Editora Global e pela extinta Secretaria da Cultura do Estado o volume “Os Melhores Poemas de Luís Delfino.” Nele estão reunidas as mais significativas produções desse poeta catarinense que desfrutou de extraordinário prestígio em todo o país e que mereceu louvores das mais importantes figuras da crítica, entre eles Gilberto Amado, que lhe dedicou todo um ensaio, hoje recolhido às suas Obras Completas, “Dizendo da obra de Luís Delfino, não aventuro novidade, afirmando-o o maior dos nossos líricos” — escreveu o ensaísta de “Grão de Areia.” Delfino seduzia também o grande público e estava sempre cercado e um séquito de admiradores. O ensaio introdutório de Lauro Junkes complementa o livro com importantes informações a respeito do poeta e de sua obra.

“... Intenção Poética”, de Jorge Barcellos Pereira, é outro lançamento poético deste período. É uma coletânea de inúmeros poemas desse carioca radicado em Blumenau, homem de vida ativa, paraquedista de profissão, sensível às coisas de natureza e do país. É um poeta criativo e inspirado, que sabe ver o lado poético das coisas às vezes simples, cuja leitura agrada e entenece.

“O Universo Brasileiro por trás dos Livros”, de Tânia M. Piacentini, publicado pela Editora da UFSC, acaba de ser lançado na Galeria de Artes daquela Universidade. É um livro interessante e que revela facetas curiosas de nossa vida cultural e literária.

Está circulando o número 4 da revista “A Figueira”, editada em Florianópolis pelo grupo do mesmo nome e que contém diversos textos em prosa e verso de autores catarinenses.

A POESIA É INDISPENSÁVEL

Para encerrar, público aqui um poema de Alcides Buss, cujo livro “Comtemplação — 20 Anos de Poesia” vem merecendo a melhor acolhida da crítica e do público:

X E R O X

Ao Enéas Athanázio, caro amigo

Ponha um X
num dia feliz.
Depois tire xerox
e dê aos amigos.
Em cada cópia
coloque um pingo
de sua voz.
Se vários pingos,

coloque um X
naquele maior.
De um dia feliz
tire xerox
para os amigos.
Uma cópia com X
mande pra mim!

Questão Racial e Política de Bonifácio da Cunha

DER URWALDSBOTE

Sábado, 4 de Maio de 1901
Nº 45

Ano 8

A Questão Racial (I)

Nos últimos tempos o nativismo cresceu muito. Em alguns lugares verdadeiras orgias festeja, especialmente no órgão governamental. «O Dia» em Desterro, que publicou sob o título «Questão de Raça» uma série de artigos que prova o máximo possível o ponto do nativismo. Partindo da Colônia de Blumenau onde os «estranhos» criaram uma posição, que parece perigosa ao autor e se esta chegar a posicionar-se tem a maior semelhança com o programa do governo russo, na russificação da Finlândia.

O autor preferiu silenciar sobre o seu nome. Mas uma pesquisa na redação do mesmo mostrou que este chamava-se José Bonifácio da Cunha. O superintendente de um Município onde a maioria da população é de imigrantes, este se apresenta como paladino contra os interesses do elemento imigrado! Agora até ao mais míope deve ficar claro, que como era justificado o aviso daqueles que eram contra a eleição deste homem. Caiu a máscara, que enganava a tantos. O lobo viu chegado a hora de deixar a pele de ovelha, na qual ele se sentia desconfortável.

Espíritos ingênuos certamente se surpreenderão com a ambigüidade linguística, que consegue mostrar-se em Blumenau simpática ao alemão e em Desterro, inimigo dos estrangeiros. Aqui se faz

um alarde em discursos de mesa e artigos de jornais, que o Dr. Cunha se vangloria com seu filhinho de 3 ou 4 anos, que teve com uma mãe alemã, e se comunicava em alemão. Em Desterro ele trabalha para banir o idioma alemão das escolas. Aqui ele se rejeita a acusação de nativismo, lá fora ele se cobra desta incômoda obrigação e não dá redeas aos seus desejos de inimigo dos estrangeiros. Teremos -- assim escreve seu órgão -- oportunidade de ver em Joinville por ocasião dos festejos do jubileu e melhor conheceremos este «obstinado e inveterano nativista e inimigo dos alemães. Certamente isto teremos. Cuidaremos também para que os joinvilenses saibam quem escreveu o artigo «Questão de Raça».

Analisemos mais de perto este artigo. Na 7ª continuação estão as propostas para a supressão do elemento imigrado, seja ele alemão, italiano ou polonês, é composto do seguinte:

O estrangeiro como o cabeça da política local, bem como na direção de jornais políticos é um mal a limitação desta liberdade seria uma medida de bons efeitos por parte do governo.

A instalação de escolas públicas com idioma estrangeiro precisa ser impedida e as existentes devemos amargurar a vida. Toda a lembrança da velha pátria é preciso proibir de imediato, como bandeiras, retratos, festas e comemorações, tudo terá que ser exclusivamente brasileiro, deve ser proibido qualquer relacionamen-

to com representantes das Nações estrangeiras.

De acordo com meios disponíveis filhas de colonos pobres e que querem se aperfeiçoar em escolas brasileiras, seja nas artes, literatura ou ciências devem ser apoiadas. (Um verdadeiro nativista, não gosta dos alemães, mas das filhas destes ele gosta).

Pelos representantes das nações amigas deve ser exigido o afastamento dos religiosos seja lá qual religião for caso sejam cidadãos estrangeiros não deverão se imiscuir na política.

Nestas áreas a ação dos inimigos da pátria é mais perigosa e mais intensa. Agora se entende as vantagens que tais medidas representam.

Portanto, na área da autoadministração local, da imprensa, da escola e da igreja precisam começar as medidas, para quebrar a influência dos «estrangeiros». Neste programa, se faz visível o ódio obstinado que tem os ridículos representantes do jacobinismo brasileiro contra os representantes da colônia alemã no Brasil.

Nós achamos conveniente, neste lugar, repetir as características que o Dr. Egas Muniz estabelece dos jacobinos. Serve em toda a linha ao Dr. Cunha que parece ter servido como modelo.

Estes jacobinos — diz o estudioso brasileiro — que relativos a tudo fora do Brasil são de uma ignorância verdadeiramente antidiluviana, formam socialmente um sério perigo. São pessoas sem o mínimo de formação social, sem o mínimo de estudo da História, sem o mais simples conhecimento da moral pública, e privada: verdadeiros filisteus da política brasileira que querem destruir as benfezejas

conquistas da colonização alemã, para erguer uma oligarquia da incapacidade, dos desvirtuamentos e da ambição, erguendo sob os aplausos da plebe ignorante o estandarte negro da exploração e um rude e mal entendido nativismo.

Meus senhores da diretoria do Volksverein! Os senhores não devem recuar, precisam trabalhar para eliminar esta terrível bastilha do nativismo. Estas são as palavras que um brasileiro escreve ao Volksverein.

DER URWALDSBOTE

Sábado, 11 de Maio de 1901

N.º. 46

Ano 8

Força ou Fraqueza?*

No órgão oficial do governo do Estado de Santa Catarina, foi publicado no dia 19 de abril um artigo intitulado «Questão de Raça», e foi indicado como autor do mesmo o superintendente de Blumenau, Dr. Bonifácio da Cunha. Como a publicação aconteceu no órgão do governo, achamos que as idéias nele desenvolvidas tiveram os aplausos do governo do Estado o que é altamente deplorável. Em tais assuntos um governo deveria assumir um papel apartidário, e agir com precaução, para evitar que certos autores de artigos, que não têm responsabilidade, perturbem por especulação partidária a tranquilidade pública. Desta forma até as boas relações podem ser prejudicadas que o governo da União pretende estabelecer com Nações amigas.

Fazendo uso do direito de cidadãos brasileiros seja lá quem for, seja qual for sua origem eu protesto, como brasileiro naturalizado contra as absurdas tendên-

cias daquele artigo que — para nossa vergonha seja dito — tem como autor o superintendente do município de Blumenau, que deve ao elemento imigrado o seu progresso e a perseverança.

Na declaração da República serviu aos homens dirigentes, que tinham a responsabilidade pelo pelo bem estar e progresso de nossa pátria sob a nova forma de governo, a grande República no Norte da América, que se procurava imitar. Eu tenho a certeza que os homens que hoje encabeçam o governo e que em parte são os mesmos que a criaram, pensam bem diferente do que aquele autor do artigo publicado no «O Dia». Não só usaram como modelo as Instituições políticas dos Estados Unidos mas também as grandes qualidades do povo americano. O que diriam os americanos se ali aparecesse uma proposta tão indigna e reacionária como a do Dr. Cunha?

Os Estados Unidos da América do Norte devem sua atual posição a contribuição da imigração alemã. O governo daquele país, reconhece o trabalho deste elemento ordeiro e respeitador das leis, e pouco se importa se os imigrantes sejam lá de que nacionalidade forem, como por exemplo os alemães, conservam seus costumes e idioma. Os alemães fundaram ali cidades onde hoje ainda o idioma alemão tem a primazia, até ergueram ali monumentos a famosos patricios em lugares públicos e isto não afeta absolutamente o espírito nacionalista dos americanos. Pois estes só visavam a grandeza de seu país ainda pouco povoado e respeitavam os serviços dos imigrantes como agricultores, industriais e cientistas, sem per-

guntar de que idioma serviam-se. Aqui no Brasil os Cunha querem que nós também contribuamos com os impostos, mas ao mesmo tempo querem desprezar aqueles que conservam seu idioma pátrio e não lhes permitindo as garantias dos direitos constitucionais.

Uma verdadeira e grande nação não precisa ter auto-confiança e abafar o efervescer energicamente de um tolo nativismo. Nós temos a esperança de que o povo na sua maioria também pensa assim como a nação irmã do norte, e confiantes nisto tomamos posição contra os artigos que são publicados por Bonifácio da Cunha e sua curriola, que são um produto do medo, da fraqueza e da covardia. Tais publicações são até ofensivas para o povo brasileiro pois se este quer progredir para um dia ocupar seu lugar destinado no Conselho das Nações americanas, então o vergonhoso nativismo tem que desaparecer da superfície. — Nós precisamos — e aqui eu chego ao meu objetivo de uma constante corrente imigratória para povoar e cultivar nosso enorme território que é a chave para a futura riqueza de nossa pátria.

Ass.: Y.

*) Nós deixamos a continuação do artigo "Questão Racial" para o próximo número e trazer hoje sobre o mesmo tema o artigo acima que nos foi enviado e ao mesmo tempo publicado — em português no Jornal "República".

DER URWALDSBOTE

Sábado, 11 de Maio de 1901

Nº. 46

Ano 8

Questão de Raça

Como nos é comunicado, os amigos do Dr. Cunha negam de

que este senhor seja o autor do artigo «Questão de Raça» no jornal do governo «O Dia». Ao contrário disto nós continuamos a afirmar, pois nossas informações são de fonte segura que isto é verídico. Além do mais os ataques contra os teuto-brasileiros no «O Dia» continuam. O mesmo titula o redator do «República» como **traidor da pátria** porque este não par-

ticipa nos ataques contra o Volksverein. E o secretário do Interior do Estado, o senhor Raposo chama o Volksverein em um telegrama à «Gazeta de Notícias» uma Liga antinacionalista? E nós devemos esquecer tudo isto e gritar entusiasmaticamente «Hurrah» quando o chefe do Estado aparece. É uma exigência absurda.

UM POUCO DA HISTÓRIA DE APIÚNA

(Extraído do livro de M. Deretti — "Apiúna nos meus apontamentos").

USOS, COSTUMES, TRAJOS

«... la donna bene vestita dala matina alla sera».

A mulher italiana, as moças também, trajavam um vestido comprido e largo que ia de arrasto ao chão. Tinham um lenço atado à cabeça, as pontas amarradas sob o queixo e outro ao pescoço, cruzando suas extremidades sobre o peito e prendendo-o ao avental. Este o usavam mesmo em viagens, ou quando freqüentavam a igreja e outros atos da vida social.

Os homens usavam bigodes compridos e bem cuidados. Os mais velhos deixavam crescer a barba. Em respeitável tabaqueira, modelo Leão XIII, alguns fungavam grossas pitadas de rapé. Certos italianos velhos trouxeram de sua pátria o estranho costume de usarem um brinco de ouro pendente da orelha esquerda.

Nos primeiros tempos, os moços casadoiros passavam por apuros singulares. Dentre os pioneiros, como é lógico, havia mais homens que mulheres. Os rapazes eram muitos no núcleo colonial de Apiúna, e as garotas escasseavam. Como eram ordeiros, entravam em diálogo e determinavam a moça

que cabia a cada um. Mesmo assim alguns sobravam. Era necessário pesquisar nas localidades vizinhas. Não raras vezes isto intrigou os rivais de outras localidades, ocasionando pauladas e entreveros no renovado rapto de sabinas.

Notáveis eram os casamentos entre italianos e alemães. «Os noivos e as noivas vestiam-se de preto. A diferença estava na coberta da cabeça. As alemãs usavam um gorro verde ornado com flores; as italianas um chale preto. Os casamentos de viúvos eram celebrados às quartas-feiras. Era tradição à noite o bater de latas e caixas, em frente à casa dos recém-casados. Uma confusão de ruídos desconcertantes que se prolongava até que se lhes fosse aberta a porta da casa e o casal oferecesse aos importunos alguma bebida». Nos inícios da colonização, não era visto com bons olhos o casamento dos membros de uma raça com os de outra. Com o correr dos anos foi desaparecendo esta exigência injustificável.

Relatório trimestral das atividades do Arquivo Histórico JFS

Jan/Fev/Mar - 1991.

Ao concluir-se o primeiro trimestre de 1991, apresentamos os resultados dos trabalhos desenvolvidos pelo setor Arquivo.

I — ARQUIVÍSTICA:

1.1 — Coleção Dossiê

Prosseguem os trabalhos de processamento técnico das Coleções

1.A — Coleção Cultura (concluída no trimestre) - cx. 12

1.B — Coleção Esporte/Lazer/Turismo (não concluído) cx. 05

Encaixe de documentos 480

2.1 — FUNDO Administrativo

2.2.1 — Série: Assessoria Meio Ambiente (em conclusão) .. 40

2.2.2 — Série: Sec. Cultura - cx... 39

2.2.3 — Série: Educação - cx..... 10

2.2.4 — Série: Turismo - cx... 8

2.2.5 — Série: Diversos - cx. 23

2.2.6 — Série: Projetos Arquitetônicos - pacotes..... 19

Total caixas 120

II — ICONOGRAFIA

1.1 — FOTOGRAFIAS

Foram incluídas no acervo fotográfico:

Negativos 61

Fotos 332

1.2 — AUDIO/VISUAL

1.1 — DISCOS (identificados classificados) 352

III — BIBLIOTECA DE APOIO

Nos primeiros dias de fevereiro, o AHJFS recebeu 18 estantes de aço. Com a chegada das mesmas foi possível reorganizar o espaço físico do setor que constituiu na ampliação da Biblioteca de apoio. Com a reorganização deste acervo bibliográfico, novos espaços foram ocupados pelas coleções de Dossiês, Fundos.

3.1 — Índice Onomástico:

Inclusão de fichas 156

3.2 — Registro catalogação de novos títulos 200

IV — TRADUÇÕES

Blumenauer Zeitung (Artigos Longos e Curtos) 1906/1909 p. 700

Der Urwaldsbote - 1908/1909 - p. 200

Das Munizip Blumenau (José Deeke) conclusão

Total em páginas 900

V — TRANSCRIÇÕES

Indicações úteis aos imigrantes para a Província Santa Catarina no Sul do Brasil 1851 - p..... 116

Artigos curtos — Blumenauer Zeitung - p. 96

VI — DOCUMENTAÇÃO RECEBIDA/Doação

Fotografias 233

Postais	102
Negativos	20
Livros	85
Diversos (Jornais, revistas, adesivos, listas, boletins, atas)..	156
Disco	1

VII: PESQUISAS

As pesquisas realizadas no trimestre foram feitas por pessoas das mais variadas profissões. Prevaecem os estudantes e Jornalistas que buscam informações para as suas pesquisas e matérias jornalísticas.

Genealogia é outra temática muito pesquisada pelos usuários do AHJFS.

Total de pesquisadores

PESQUISADORES ESPECIAIS / Estrangeiros / Nacionais

São considerados pesquisadores especiais aqueles que estão desenvolvendo trabalhos científicos para Teses a nível de Mestrado e ou/ Doutorado.

Pesquisador: Marcelo Zane. Profissão: Historiador/Arquivista. Instituição: fondazione biblioteca archivio Luigi Michelletti. Endereço: 25.122 Brascia/Itália - via Cairolì-9. Pesquisa: Giovanni Rossi. Finalidade: Publicação de um livro.

2. RAUCH, Raquel Cavalcanti. Profissão: Historiadora. Instituição: Universidade Federal Santa Catarina. Endereço: Indaial — Santa Catarina. Pesquisa: História de Blumenau em Imagens. Finalidade. Mestrado.

3. — GAUDIG, Olaf. VERTH, Peter. Profissão: Sociólogos. Instituição: Instituto Latino Americano-Berlim. Endereço: Wartenburgstr, 18 — 1000 BERLIN, 61. Pesquisa: Publicações Alemãs. Finalidade: Doutorado.

4. MULLER, Jürgen. Profissão: Sociólogo. Instituição: Universidade de Heidelberg. Endereço: Sechenheimerstr. 61. 6800 - Mannheim 1. Alemanha. Pesquisa: Nacional Socialismo Alemão na América Latina. Finalidade: Doutorado.

KAISER, Wilfried. Profissão: Geógrafo. Instituição: Geographisches Institut Universität Tübingen. Endereço: Holderlinstr. 12 — 7400/Tübingen - West Germany. Pesquisa: Colonização Alemã/Vale do Itajaí. Finalidade: publicação de livro.

VIII — FUNCIONÁRIOS

O AHJFS vem desenvolvendo as suas atividades com o auxílio de 6 funcionários sendo que um está em licença para tratamento de saúde.

IX — HISTÓRIA ORAL:

Neste trimestre teve início o trabalho de transcrição e datilografia de entrevistas realizadas pelo setor.

Blumenau, abril de 1991.

Sueli M. V. Petry - Resp. p/setor

Relatório das Atividades do Museu da Família Colonial

Trimestre-Jan/Fev/Mar. - 1991

MUSEOLOGIA

Dando prosseguimento aos trabalhos museológicos do M.F.C.,

no último trimestre que se findou foram continuados os trabalhos de registro, classificação e processamento técnico das peças.

Doação — Nenhuma.

EXPOSIÇÃO — Fábrica de Lacticínios Hardt. Calendário CREMER/SA.

Visitantes - Janeiro: 759 pes.; Fevereiro: 790 pes.; Março: 515 pes.
Alunos: 60 pes. Total 2.124. pessoas.

Escolas — Unidade Pré-Escolar Vila Iná - FURB; E.R.M. Prof. Helena M.M. Wincker - Blumenau.

Blumenau — abril — 1991.

Sueli M. V. Petry
Resp. Museu Família Colonial

Um Luso-Brasileiro em Blumenau

— A Chegada —

Uma noite, escutei meu pai dizer: "Então está resolvido, é Blumenau mesmo". Nossa mudança para outra cidade, conforme o médico tinha recomendado, ia se realizar. E agora? Ia sair de minha Curitiba, onde tinha vivido até aquela minha tenra idade de sete anos, passando meus dias na casa de minha avó paterna, Vovó Sinhara, enquanto meu pai convalescia de um "esgotamento nervoso", que era como chamavam ao "stress" naquela época.

Blumenau, na minha imaginação, era uma paisagem de cartão postal, que um colega de meu pai tinha enviado ao agradecer as atenções recebidas por ocasião de uma visita a Curitiba, no verso do qual convidava meu pai para lhe fazer uma visita. Via-se um rio enorme, duas canoas amarradas à margem, um bambuzal frondoso lançando sombra sobre o rio, uns telhados de algumas casas, uma torre de igreja com relógio, e mais morros cobertos de vegetação. Onde será que íamos morar?

Num dia, sete de setembro do ano de 1937, muito cedo, às sete da manhã, estávamos embarcando no trem para ir para Blumenau. Meu pai, atarefado providenciou as bagagens, e nós crianças nos ajeitando num banco com minha mãe, que chorava sem parar, as lágrimas escorrendo até na pontinha de seu nariz comprido. Eu e minha irmãzinha não sentíamos aquela tristeza toda e ficávamos olhando entre surpresos e impotentes, sem poder fazer nada para aliviar o sofrimento de nossa mãe, tão magrinha, tão triste naquele seu pranto silencioso. Mas logo nos distraímos com a viagem de trem, que foi longa. Às duas da tarde estávamos em Mafra, esperando pela baldeação. Depois descemos a serra e às oito da noite, passamos para um ônibus em Jaráguá do Sul e que nos levou até Blumenau. Naquele tempo o ônibus levava a gente até a porta da casa de cada passageiro. Meu pai deu o endereço e chegamos cansados, meio dormindo, mas admirados com aquela nova terra em que íamos viver de agora em diante.

Desembarcamos à rua Amadeu da Luz, na casa do colega de meu pai Raul Chatagnier, onde íamos ficar até acharmos casa para alugar. Era uma noite quente, as mariposas voavam em redor da luz,

besouros zumbiam, grilos trilavam e nós crianças começávamos a travar contacto com as crianças da casa. E ali ficamos brincando por quinze dias até que meu pai encontrou uma casa: Um achado! Baratíssima! O senhorio muito bom, não exigiu fiador. Uma casa grande! Fomos ver e logo nos encantamos por ela. Ficava na rua Pastor Hesse, do lado esquerdo de quem entra na rua. Naquele tempo era a terceira casa. Encostada numa outra, mas era espaçosa. Tinha uma varanda na frente, um porão alto. O nome do dono da casa me soava estranho: Hans Olbrisch. Enfim, tudo era novidade. Mudamo-nos e eu comecei a explorar o ambiente. Eu era um menininho bochechudo muito curioso e estava sempre querendo aprender alguma coisa, o que conservo até hoje. Logo descobri que nos fundos havia um estábulo, com uma vaca, dois ou três porcos enormes, uma plantação de cana para forragem. Todos os dias vinha o filho do Sr. Olbrisch, o Rolando, tratar os animais. Cortava a ração na máquina de cortar e eu gostava de sentir aquela mistura de cheiros: de leite, de cana cortada, de esturme e urina de vaca e de porco e cobria o Rolando de perguntas. Só estranhava o jeito que ele falava, as poucas palavras que ele falava comigo. Do lado direito da casa, de parede meia, morava um casal de velhos com uma aparência exótica. Era o Sr. Bischoff. Nunca tinha visto ninguém com nome semelhante. Nunca consegui falar com ele. Só falava alemão. Só meu pai conseguia trocar algumas palavras com ele. Daí em diante passei a ter a idéia de como é a gente viver numa terra onde a maioria não falava a minha língua. O que nos ajudou muito foi que na frente da casa, do outro lado da rua, morava um casal jovem como meus pais, que eram do Rio Grande do Sul, os Lorgus, o sr. Ctelo e Dona Romilda. Falavam bem o português, ele meio caladão, franzia todo o rosto quando sorria e ela muito bonita, pele muito clara, olhos azuis, com uma voz forte e sempre alegre e risonha. O filhinho deles, miudinho, lourinho e magrinho, foi durante muito tempo nosso companheiro de brincadeiras. Muito animaram minha mãe, que se sentia como uma desterrada. Logo o sr. Bischoff se mudou daí e o Sr. Olbrisch propôs a meu pai trocar de casa, oferecendo vantagem no preço. O pai aceitou e os mudamos. Comecei a ampliar minhas explorações. Fui até o rio que havia nos fundos do terreno do estábulo. Era um ribeirão que mais tarde vim a descobrir que era "Fresco." Descobri novos vizinhos à direita. Eram o Sr. Olimpio Garrozzini e Dona Matilde; também falavam português. O Sr. Olimpio saía todos os dias de bicicleta para trabalhar. Tinha uma barbearia na rua 15, perto de onde hoje é a pastelaria do chinês. Dona Matilde era de prendas domésticas. Cabelo bem preto, pele bem branquinha, uma voz calma. Eram recém-casados. Algum tempo depois nasceu a filhinha deles, a Darci. Daí então, de vez em quando, Dona Matilde me deixava cuidando dela. Uma vez fui dar uma cambalhota e bati com o pé no rostinho dela. Uma vez fui dar uma cambalhota e bati com o pé nho, mas não chorou. E eu com medo de que ela chorasse. Na casa de onde tínhamos saído, veio morar um casal, o Sr. José Brack e Dona Iracema. Ela era irmã do contador do banco onde meu pai trabalhava, ele era alemão mas falava bem o português. Sempre escutava a rádio de Berlim para acompanhar a guerra. Marcava com alfineti-

nhos vermelhos e azuis as cidades que iam caindo sob o avanço da "Wehrmacht", num mapa enorme em seu escritório. Alguns meses depois, começaram a construir num terreno vago à esquerda. Assim que ficou pronta a construção vieram os novos moradores: um casal com um menininho lourinho: Os Kloser, o Sr. Lambert e Dona Adélia e o menininho era o Eugênio, que sempre chamávamos de Óiguen. O Sr. Kloser pediu que eu e minha irmã fôssemos brincar com o Óiguen para que ele aprendesse o português. Logo nós estávamos falando alemão: Comarréia, cuquemaldá, Chimaisveque, chuainarái, chais e assim por diante. O Sr. Kloser se esforçava para falar português com meu pai. Ficava fazendo eeeeeeee e não saía a frase. Dona Adélia já sabia falar um pouco e conversava com minha mãe. Na vizinhança dos Lorgus moravam os Lindholm. Disseram-me que eram de descendência sueca e eram todos muitos sérios, rostos compridos. Só a esposa do sr. Lindholm tinha o rosto redondo. Tinham três filhas: Edith, Elvira e Rita. O Sr. Lindholm trabalhava no Urwaldsbote, nome de som terrível que mais tarde descobri que era um Jornal. Na entrada da rua Pastor Hesse havia uma casa de madeira onde funcionava uma garapeira, ou como diziam, uma guarapeira. Lá eu ia muitas vezes tomar garapa com limão. Dona Amália moía a cana na máquina elétrica e vinha com aquele bule de lata, onde o gelo vinha batendo. Despejava no copo e uma espuma verde subia para cima do líquido doce e frio. Os filhos dela eram o Zé e o Cavico. O Zé era clarinho e o Cavico mais moreninho. Eram mais velhos do que eu, mesmo assim davam atenção para mim. O pai deles também se chamava Zé, mas como criava galos de briga e deixava os coitados amarrados pelo pé na beira da estrada o dia inteiro, costumávamos chamá-lo de seu Zé Galinha.

No alto do morro, na frente de casa, havia a igreja protestante, imponente na sua cor amarelada e sua torre tinha um sino que batia diariamente à mesma hora: Seis da manhã, seis da tarde e meio dia. Perguntei ao meu pai porque não íamos àquela aos domingos, pois era tão mais perto. Ele me disse que não era de nossa religião. Comecei a achar que ser protestante era ser alguma coisa feia. Ainda mais que pela prosódia germânica me soava nos ouvidos uma coisa como "Brotestante". O que seria aquilo que tinha a ver com pão? Um dia subi lá em cima da igreja e vi o pastor, meio parecido com os padres de nossa igreja e não achei que tivesse cara de pessoa má. Eu gostava de ler as lápides dos túmulos do cemitério que havia atrás da igreja: Hier ruht... Ruhe Sanft, etc. Palavras misteriosas que falavam de morte e tinham aquela palavra parecida com o nome de minha irmã Ruth.

E veio então a minha primeira enchente em Blumenau. Chovia há dias e o ribeirão Fresco cresceu e cresceu e chegou em nosso quintal. Que maravilha! Um rio no quintal de casa! Nunca tinha visto uma coisa dessas. Entrava de roupa e tudo naquela água meio suja. As aranhas e formigas vinham em bandos e algumas chegavam a subir nas pernas da gente. De repente uma cobra veio vindo nadando em zigue - zague com a cabecinha fora d' água. Fiquei olhando maravi-

lhado. Brinquei na água a tarde toda até que cansado adormeci. No dia seguinte acordei com a enchente dentro de casa. Meu pai me contou que já tinha mandado o piano lá para cima do morro da igreja e que tinha levado os móveis para o andar superior da casa. Veio uma canoa nos buscar e lá fui eu com minha mãe e minha irmã para a casa dos Lorgus, onde não chegava enchente. Foi uma festa para nós crianças! A rua Pastor Hesse toda coberta de água até na rua das Palmeiras, cheia de gente passeando de canoa. Mas durou pouco aquela minha alegria: no dia seguinte voltei para casa e vi a sujeira que a enchente deixou. Veio um homem limpar nosso poço, que estava de água até quase em cima. Tirou toda a água e tirou também muita coisa e porcarias que tinham ficado lá dentro. Tinha até um sapo bem gordo, de olho esbugalhado que foi tirado à força, pois parecia que não ia querer sair.

Aquele verão foi quente! Meu primeiro verão em Blumenau. “As aulas vão começar em fevereiro”, disse meu pai. “Logo vai acabar minha vadiação”, pensei. Fazia um ano que eu não ia à escola. Apesar de já saber ler, sentia falta daquela porção de crianças, da professora, do grupo escolar, que tinham ficado lá longe em Curitiba. Enquanto isso, ia pescar com meu pai nos fins de semana na embocadura do ribeirão Fresco com o ribeirão Garcia. Vínhamos carregados de peixes! Nos domingos, meu pai me levava com ele até o Café que havia na Praça Hercílio Luz. Ele ficava conversando com os amigos e eu ganhava também uma xicrinha de café preto, bem quente que deixava esfriar.

Como minha mãe, eu também pensava que logo que meu pai sarasse, nós voltaríamos para Curitiba. Talvez alguns meses, talvez um ou dois anos. Aí então, juntaríamos nossas coisas outra vez e voltaríamos àquela cidade de onde tínhamos vindo. O destino, porém, nos reservava outra coisa. Minha mãe, que se considerou sempre uma exilada, voltou para Curitiba viúva, depois de trinta e dois anos e fez questão de levar o corpo de meu pai quando este faleceu e o enterrou em Curitiba. Meu pai tem hoje uma rua com seu nome no bairro da Velha, nessa cidade em que ele viveu e que ele tanto amou. Eu voltei para minha cidade natal depois de quarenta e seis anos. Uma vida inteira em Blumenau! Nela me criei e cresci, aprendendo nessa comunidade os valores que até hoje norteiam minha conduta. Onde quer que eu vá, não me esqueço nunca da cidade que me acolheu. Nela tenho dois filhos que ainda nela moram e nela está sepultada minha filhinha natimorta. Repito sempre a letra daquela linda melodia que sempre tocam na Oktoberfest: “Mein liebes Städtchen, leb wohl, leb wohl.” Só que não se trata de Kufstein, mas sim de Blumenau, no Vale do Itajaí.

Rui Moreira da Costa

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie - Zeitung" (Jornal da Colônia) publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Artigo publicado a 7 de maio de 1866: CEMITÉRIO DOS BOTOCUDOS

São bastante vagos ainda, os nossos conhecimentos sobre os usos e costumes dos botocudos uma das tribos mais selvagens e indomáveis da América do Sul, os quais se opõem tenazmente à aculturação, preferindo a difícil vida errante, à comodidade de moradia estável. Acerca de sua religião, de sua língua e seus costumes não existem senão suposições, pois até aqui os botocudos rejeitaram toda a qualquer aproximação dos brancos e não raras vezes, aterrorizam os moradores com seus assaltos e assassinatos, provando desta maneira a sua irreduzível hostilidade. Refiro-me sobretudo às tribos que habitam as províncias do Paraná e de Santa Catarina, pois já há indícios de aproximação com os brancos, em algumas tribos de Minas Gerais.

É interessante, sem dúvida, relatar alguma coisa sobre o costume dos botocudos, no que se refere ao sepultamento de seus mortos e o que foi verificado pelo autor e outras testemunhas. Quando da medição das terras pertencentes ao Conde d' Eu, na Serra, nas vertentes dos rios Negros e Itapocu, durante a minha ausência, os meus auxiliares alcançavam um local onde encontraram dois crânios humanos assim como vários ossos espalhados, sem naturalmente, atinarem com a importância do achado. Após o meu regresso, começamos imediatamente a pesquisar todo o terreno, e a uma distância de uns 300 metros do nosso acampamento, seguindo a correnteza de um riacho, chegamos a um paredão de rocha da altura de 12 metros, com um rochedo suspenso por cima ocasionando assim uma queda de água. Talvez em outras épocas o terraço formado debaixo do rochedo tenha se estendido ao longo de todo o paredão. Presentemente, porém, existe apenas uma área de 25 metros de comprimento por 8 a 10 de largura e 5 a 6 de altura, completamente plana e protegida contra as intempéries enquanto mais adiante os destroços desagregados de pedra nos demonstram que houve grandes deslizamentos sucessivos, ocasionando a abertura de um despenhadeiro difícil de ser transposto. A quantidade de ossos, que se achavam expostos pelo terreno, não podia pertencer aos dois corpos, cujos crânios tínhamos encontrado, e por isso começamos uma pesquisa mais profunda, embora pela superfície notássemos apenas a presença de poeira de rocha, poeira esta que, mais tarde, reconhecemos como sendo cinza. A impressão geral era de que nós encontrávamos no covil de alguma onça, até que uma pequena elevação me chamou a atenção. Depois de removida uma leve camada de cinza, apareceu um crânio ao lado do qual se encontravam os ossos maiores do esqueleto, mas sem os ossos menores, como os das mãos e dos pés, faltando também a espinha dorsal. Continuamos,

as escavações e foram aparecendo os esqueletos de oito ou nove indivíduos, de diversos tamanhos, todos sepultados da mesma maneira — num espaço de 80 centímetros por 40 de largura para cada corpo, todos cobertos por uma camada fina de cinza. Encerradas as escavações, chegamos à conclusão de que toda a área servia ao mesco fim e que nos encontrávamos num cemitério dos moradores primitivos do País. Os sepultamentos não obedeciam a qualquer sistema, e sem haver diferença entre a idade e a categoria dos mortos. Num único túmulo — se é que assim o podemos chamar — o fundo era revestido por chapas finas de uma samambaia fibrosa. Encontramos também duas valvas de uma espécie de concha de água doce, não se podendo afirmar se as mesmas serviam de enfeite ou a sua presença era simples acaso. Não encontramos quaisquer armas, nem outros utensílios que pudessem demonstrar o grau de cultura da tribo. Pela maneira de procederem conclui-se que, ou deixaram o corpo ao relento, até a carne se desfazer completamente conforme o costume na Nova Zelândia e de algumas tribos de outras ilhas dos Mares do Sul, ou então cortavam a carne para queimá-la a fim de sepultá-lo posteriormente. Um detalhe interessante é a ausência dos ossos miúdos — mas não ousou admitir qualquer opinião a respeito e nem tampouco sobre a possível idade do cemitério. Apresenta-se aqui um campo interessantíssimo. Escolhendo dois crânios bem conservados — um dos quais nos chamou atenção pelo tamanho — mandei cobrir os restos dos ossos com cinza e aplinar a área a fim de não entrar em colisão desagradável com os indígenas, pelo sacrilégio de seu santurário. Os dois crânios foram doados ao Museu do Paraná.

Transcrito do "Pionier" (Pioneiro)

FERNANDO OPPITZ

Nota da Tradutora: O jornal "Pionier", em língua alemã era publicado em Curitiba.

A coleção completa do "Kolonie - Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville".

ESCRITOR VIAJANTE

Jácomo Mandatto

O desejo de viajar, de conhecer paisagens diferentes daquela a que estamos habituados, parece estar inato nos seres humanos e até mesmo em algumas espécies de animais irracionais, além de aves e pássaros. Muitos deixam o seu habitat e retornam depois de algum tempo; outros partem e ficam pra sempre. Quantas pessoas mudam de sua cidade para outra e acabam se radicando de tal maneira na nova morada que, na eventualidade de um retorno ao chão natal, não mais se adaptam, sentem-se deslocados, são verdadeiros "estranhos no ninho". Não há quem não conheça casos assim. Em contrapartida, também há aqueles que deixando a sua terra, por necessidade de espaços mais amplos, numa busca natural e incessante de progredir, não se esquecem da sua cidadezinha querida, com a sua igreja e o seu largo, as pessoas conhecidas, e sentem profundamente a "falta de terra natal", como ocorre com o poeta Milton Andrade.

Viajante que vai-e-vem, fosse no exercício do seu ministério, “pulando de comarca em comarca”, seja como turista, é o meu amigo escritor Enéas Athanázio. Em se lhe apresentando ensejo propício para arrumar as malas e trocar a sua bela e famosa estância balneária de Camboriú por alguns dias nos chãos agrestes de Pernambuco, não tem dúvida que ele se manda. Por isso, esse descendente de gregos conhece sobejamente não apenas o perto como o longe. Conhece terras e gentes. Carrega sempre a sua máquina fotográfica pra ir registrando no filme e depois no papel paisagens e pessoas. Fez isso em Itapira quando veio me conhecer, em 1986, repetindo os “cliques” três anos depois. Na segunda visita, em maio de 1989, levei Enéas a conhecer várias fazendas itapirenses, principalmente as que se dedicam à cafeicultura. Ele se deslumbrou com o tamanho dos cafeeiros e com a carga de grãos que produziam. Era a época da maturação dos frutos. Uma beleza de se ver! Encantou-se o viajante com as sedes coloniais de algumas fazendas que lhe mostrei na região de Eleutério. Enfim, ficou enamorado pela terra itapirense esse escritor nascido na pequenina mas bonita Campos Novos, no Estado de Santa Catarina, terra que, no inverno, se cobre de neve, transformando-se numa cidade européia, como pude ver numa bellissima fotografia que Enéas me mandou recentemente.

Dessas viagens que realiza José Enéas Cesar Athanázio — esse é o nome todo do escritor catarinense —, ele relata em gostosos artigos tudo o que vê. E suas crônicas são elaboradas com tal destreza e fidelidade que são verdadeiros retratos. É ler, é ver! Publica seus trabalhos em jornais, suplementos literários, revistas e em livros. Descrevendo suas andanças pelo Brasil, já tem dois volumes editados, ambos com o mesmo título: “O Perto e o Longe”, perfazendo um total de duas dezenas de obras publicadas, a maioria delas de contos e ensaios, gêneros em que Enéas já é mestre consumado.

Seu último livro publicado é extamente o vol. 2 de “O Perto e o Longe”, com o subtítulo de “Viagens Literárias”. São 22 crônicas cuja leitura se faz com o maior prazer, porque o leitor é conduzido pelas mãos — ou palavras — de quem conhece palmo a palmo o caminho a percorrer. Uma dessas crônicas, à p. 63, é a descrição da tarde que Enéas passou em Itapira em 1986. É incrível como o escritor viajante conseguiu registrar na memória e na retina — pois não fez nenhuma anotação durante as horas que percorremos a cidade no meu velho fusca — todos os lugares e os prédios que lhe mostrei! Ele tem uma memória realmente fotográfica. Além do que deixou impressas palavras altamente elogiosas e desmerecidas ao itapirense que o recebia. Bondade que não sei como agradecer.

Resta aguardar a crônica da segunda visita de Enéas a Itapira, da qual ele certamente terá muito mais o que dizer, pois ficou dois dias aqui. Conheceu as fazendas, a “Casa de Menotti”, outros lugares não vistos em 1986. Esse relato deverá constar do vol. 3 de “O Perto e o Longe”. Que venham logo as novas crônicas do escritor viajante.

Jácomo Mandatto é ensaísta, poeta e diretor da casa de Menotti del Picchia, em Itapira (SP).

LAGOA DE AÇAGUAÇU

Antônio Roberto Nascimento

Como há gente ainda que prefere ficar com a errônia a admitir que andaram equivocados, mais ou menos como se o relato histórico fosse inútil e, a partir dele, nenhuma correção pudesse ser feita (1), cremos ser de mister mostra-lhes que não. E vamos direto aos fatos, para mostrar que «Lagoa de Açaguaçu» é o topônimo correto, existindo a corruptela «Saguaçu», que, em rigor, deveria ser grafada ÇAGUAÇU.

Assim é que, aos 21.12.1814, faleceu um Manoel Antônio da Cruz, de 28 anos de idade, casado com Isabel Maria da Conceição, «morador no Rio de Assaguaçu» (2). Igualmente, aos 9.7.1809, lavrou-se o obituário de Francisca Gonçalves Moreira, de 56 anos, viúva de Miguel Rodrigues, «moradora no Rio de Assaguaçu» (3). Já Marcelino Moreira, solteiro, de 26 anos de idade, filho legítimo de Francisco Gonçalves Moreira e de sua mulher Rita de Chaves, já defunta, morria aos 19.8.1809 (4), sendo também «morador no Rio de Assaguassu» (sic). Antônio Dias Tenório, casado com Isabel Aldina de Alazão, faleceu, quando era «morador no Bairro de Assaguassu» (sic), aos 3.12.1809 (5).

E não pára aí a prova de que

o topônimo correto seria AÇA-GUAÇU. Há mais, muito mais. Fiquemos, porém, com mais um. No batismo de Severino, aos 6.6.1805 (6), «exposto sem cédula alguma em casa de Antônio Fagundes, morador no Rio de Assaguaçu» (sic), encontramos a grafia que mais se aproxima do vocábulo indígena.

Como antecipamos, há também o registro de «Saguaçu», a exemplo do obituário de Florentina Clara de Miranda, casada com Manoel da Costa Pinheiro, «moradora no Saguaçu», aos 17.9.1864 (7).

Cremos, outrossim, que o topônimo designasse algo mais, assim como toda uma região. No batismo de André, filho de Manoel Francisco dos Santos e de Angélica Maria, em 1º.5.1837 (8), seus pais são dados como «moradores no Rio Velho de Sagoaçu» (sic). Também Manoel Francisco do Amaral, filho de Ana Francisca e casado com Perpétua Ribeiro de Quadros, morava no «Rio de Sagoaçu» (sic), segundo o batismo da filha Ana, aos 4.8.1836 (9).

Paulina Maria da Conceição, casada com João Alves da Silva, «moradores no Rio de Assaguassu» (sic), tem obituário de quatro de setembro de 1813 (10). No obi-

(1) — V. carta em A Notícia de 29.3.91, p. 2

(2) — Segundo livro de óbitos da Matriz de N. S^a. da Graça.

(3) — Id. ib.

(4) — Id. ib.

(5) — Id. ib.

(6) — Livro n. 5 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça

(7) — Livro n. 1 de óbitos da Catedral de Joinville

(8) — Livro n. 8 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça

(9) — Id. ib.

(10) — Segundo livro de óbitos da Matriz de N. S^a. da Graça

tuário de Inácia, parda liberta, de 80 anos, casada com Inácio Gonçalves, aos 4.6.1814 (11), ambos eram «moradores no Rio de Assaguassu» (sic).

Nos batismos dos filhos Manoel, aos 20.1.1833 (12), e de Francisco, aos 28.11.1836 (13), filhos de Antônio Dias e de Maria Joaquina, netos paternos de Lourenço Dias e de Angélica da Conceição, e maternos de Joaquim do Amaral e de Rita de Ramos, vê-se que seus pais eram também «moradores no Rio de Saguassu» (sic).

Eram, igualmente, «moradores no Rio de Saguassu», aos 28.11.1836 (14), quando batizaram o filho José, Francisco Lourenço dos Santos — filho de Gabriel dos Santos e de Domingas Peres do Rosário e sua mulher Maria do Pilar — filha de Antônio Lemos e de Albina do Rosário —. Também eram «moradores no Rio de Saguassu» (sic), Antônio Alves de Oliveira e Rosa Maria da Graça, aos 29.9.1837 (15), quando batizaram o filho Florindo.

A corruptela «Saguassu», pois, convivia ao lado de «Açaguassu», a grafia que mais se aproxima do vocábulo tupi.

No batismo de Angelina, aos 15.8.1837 (16), filha de José de Amaral do Rosário e de Maria Antônia de Jesus, seus são «moradores do Rio Saguassu». O dito genitor era filho de José de Amaral e de Ana Fagundes, neto paterno

de Tomás do Amaral e de Teodósia da Silva, e materno de Pedro Fagundes e de Joana Dias (17). Já Maria Antônia de Jesus era filha de João Batista e de Maria Alves.

Outro morador do «Rio Saguassu» era Florêncio Gonçalves da Maia, filho de Manoel Gonçalves Bairros e de Ana Joaquina, casado com Teodora Maria de Jesus, filha de Salvador Afonso da Costa e de Isabel Cardoso, segundo o batismo do filho Joaquim, aos 19 de julho de 1837 (18).

Também morava no «Saguassu» Joaquim Alves Gonçalves, filho de Domingos Gonçalves Bairros e casado com Maria Francisca da Silveira, de acordo com o batismo da filha Rosa, aos 11.2.1838 (19). Igualmente, Marinho de Amaral de Oliveira, casado com Cesarina Maria da Conceição, ambos «moradores no Rio da Saguassu», segundo o batismo da filha Maria, aos 8.10.1837 (20).

«Moradores do Rio de Assaguassu», outrossim, era Manoel Afonso Moreira, filho de José Afonso Moreira e de Josefa Dias do Rosário, neto paterno de Marcos Afonso Moreira e de Catarina Antônia Cardoso, e materno de João Dias do Rosário e de Ana Cardoso Moreira. Foi casado com Joana Maria da Conceição, filha de João de Oliveira Borges e de Antônia Maria da Conceição, conforme batismo da filha Ana, aos 24.12.1836

(11) — Id. ib.

(12) — Livro n. 8 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça

(13) — Id. ib.

(14) — Id. ib.

(15) — Id. ib.

(16) — Livro n. 8 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça

(17) — Livro n. 5 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça

(18) — Livro n. 8 cit.

(19) — Id. ib.

(20) — Id. ib., batismo de n. 200

(21). Igualmente, Joaquim dos Santos, casado com Rita Francisca Rodrigues, com quem teve a filha Maria, batizada aos 11 de fevereiro de 1837 (22).

«Moradores no Rio de Sagoaçu» eram, do mesmo modo, Salvador Antônio e Feliciano de Miranda, que, aos 13.5.1837 (23), batizaram a filha Ana, na mesma data em que Maria, filha de João Rodrigues Ramos e de Francisca Andreza, neta paterna de Francisco Rodrigues e de Francisca Antônia e materna de Antônio da Costa Cidral e de Andreza Rosa, também «moradores do Rio de Sagoaçu» (sic).

José da Costa Budal e Maria Rita de Jesus, «moradores do Rio de Sagoaçu», batizaram o filho Antônio, aos 26.7.1836 (24), neto paterno de João da Costa Budal e de Ana Maria, e materno de Antônio José da Costa Cidral e de Rosa Antônio Gonçalves Bairros.

José Afonso da Costa e Rita Cândida de Jesus eram «moradores em Assaguaçu», aos 10.7.1836, quando batizaram o filho Manoel, tendo por padrinhos Antônio de Castilhos e sua mulher Cândida de Castilhos (25).

A questão fica bem esclarecida, a nosso sentir, no batismo de três escravas do Coronel Antônio João Vieira Sênior, aos dois de julho de 1836 (26), Domingos, Teresa e Manoel, filhos, respectivamente, de Joaquina, Maria e Rita, todas de nação benquela, quando o dito senhor é dado como «mora-

dor em Assaguaçu» nos três registros.

É interessante observar, porém, que as duas formas, «Saguassu» e «Assaguaçu», são encontradas no mesmo livro eclesiástico, em assentos lavrados pelo mesmo escrevente e assinadas pelo mesmo vigário, o que demonstra, por sem dúvida, a aceitação de ambas, embora seja evidente que uma delas é mais completa, mais próxima da origem indígena.

E, para quem nos acusa da ingenuidade de desconhecer a Coreografia Brasília, é de ser mencionado o batismo de Severino, aos nove de junho de 1805 (27), «exposto sem cédula alguma em casa de Antônio Fagundes, morador no Rio de Assaguaçu» (sic), tendo por padrinhos «o mesmo Antônio Fagundes e sua mulher Domingas Pedrosa». A nosso ver, esse assento eclesiástico é o primeiro registro gráfico de AÇAGUAÇU, ou seja, o que mais próximo se encontra do vocábulo indígena que lhe deu origem.

Verdade seja que, nesse mesmo ano de 1805 (28), Antônio de Oliveira Cercal, ao requerer uma sesmaria «no lugar intitulado o Morro da Caxoeira» (sic), fala também na «Cabeceira do Rio de Saguacu», mas é evidente a erroquia do inculto subscritor, defeito que não seria de se esperar do clero encarregado dos registros eclesiásticos, a despeito de o vigário tão-somente assinar tais assen-

(21) — Id. ib.

(22) — Id. ib.

(23) — Livro n. 8 de batismos da Matriz de N. S^a da Graça

(24) — Id. ib.

(25) — Id. ib.

(26) — Id. ib.

(27) — Livro n. 5 da Matriz de N. S^a da Graça

(28) — Arquivo Histórico de Joinville

tos, deixando sua feitura por conta de algum escrevente alfabetizado. Talvez seja por isso que se encontra, muita vez, como encontramos, «grassa» por «graça», «coux» por coxa» e outros barbarismos do gênero até para uma

época de uma ortografia nada ortodoxa. Até o espírito menos avisado pode ver que o redator de «Morro da Caxoeira» só poderia grafar «Rio de Saguçu», a evidente corruptela.

Cartas

Do nosso leitor Rui Moreira da Costa, residente em Curitiba, recebemos a seguinte carta:

“Curitiba, 17 de abril de 1991

Sr. José Gonçalves

Diretor Executivo da Fundação Casa Dr. Blumenau

Prezado Senhor:

Acompanhei com muito interesse a publicação da carta do Sr. Siegfried Wahle sobre o Hotel Ruehle, bem como as suas reminiscências publicadas em Blumenau em Cadernos de janeiro último. Acho que são interessantes quanto as reminiscências da “Blumenauense de 80 anos conta sua vida”, pois nós lusos - brasileiros também temos nossas histórias para contar sobre Blumenau de antigamente. Faço votos que V. Sa. como escritor e jornalista continue contando também suas lembranças.

Aproveito a oportunidade para remeter umas páginas que escrevi, inspirado nos relatos da Blumenauense de 80 anos. Pode-se colocar um título assim como: “Um Luso - brasileiro que Blumenau Adotou — A chegada”. Deixo ao critério de V.Sa. a utilização e aproveitamento de meu trabalho na revista ou nos arquivos da Fundação. Tenho mais alguns capítulos em elaboração sobre minha infância e adolescência em Blumenau.

Disponha da gente, Sr. Gonçalves.

Parabéns pela sua atuação à frente de Blumenau em Cadernos.

Saudações

Ruy Moreira da Costa

Av. Iguçu, 2141/11

80240 — Curitiba — PR”.

N. da R. — Somos gratos pelo incentivo de sua carta. Enquanto aguardamos outras colaborações suas, estamos publicando neste número, em outro local, sob o título: “REMINISCÊNCIAS HISTÓRICAS” e Sub-título: “**Um Luso-Brasileiro em Blumenau**” o seu magnífico trabalho que muito contribui na ampliação do retrato de Blumenau do passado.

“Santos, 27/04/91

Sr. José Gonçalves

Editor de “Blumenau em Cadernos”

Trabalho na Secretaria de Turismo de Santos. Em recente viagem a Blumenau, tive o prazer de ler um exemplar de “Blumenau em

Cadernos". Parabenizo a Fundação "Casa Dr. Blumenau" e ao senhor, pelo importante trabalho que vem desenvolvendo na preservação da tradição histórica e cultural, a criação e manutenção de museus, biblioteca, arquivo histórico, etc...

Além da tradição cultural, esta cidade faz questão de manter viva, juntamente com os descendentes alemães, as tradições de origem.

Gostaria, se fosse possível, receber mensalmente um exemplar de "Blumenau em Cadernos".

Envio nesta missiva alguns livretos promocionais sobre a cidade, como um índice turístico, um manual de interesse histórico e cultural e um exemplar que conta a história do nosso porto, juntamente com o esforço e atuação da nossa prefeita Dona Helena em concretizar a administração tripartite.

Caso o senhor deseje outras informações complementares à respeito de Santos é só pedir que lhe enviarei com o maior prazer o que for solicitado.

Sem mais, ciente de que sempre merecerei a sua melhor atenção, subscrevo-me.

Wagner Lopes de Mello".

Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (I)

Pe. Antônio Francisco Bohn

O 1º. Livro (dos primórdios até 1895), encontra-se perdido.

2º. Livro 1895-1934.

Termo 1: Autorização de D. José, bispo de Curitiba, para que Pe. Alberto Gonçalves rubrique o livro de Tombo, em 02.09.1895.

Termo 2: Termo de abertura do Livro de Tombo, assinado por Pe. Alberto Gonçalves, em 02.09.1895.

Termo 3: Provimento da Visita Pastoral de D. José de Camargo Barros à paróquia, em 31.08.1895.

Termo 4: Cópia da carta de D. José ao governador de Santa Catarina, sobre a questão dos cemitérios (sem data).

Termo 5: Carta de D. José aos párocos sobre questões matrimoniais, em 12.06.1896.

Termo 6: Carta Pastoral de D. José ao clero e fiéis, em 24.06.1894.

Termo 7: Mandamento de D. José sobre a Missa do Espírito Santo, em 24.06.1894.

Termo 8: Pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo para a construção da casa paroquial de Gaspar, em 15.07.1897. Concedido em 27.07.1897.

Termo 9: Provisão de D. José nomeando o Sr. Adão Schmidt como fabricante, em 29.07.1897.

Termo 10: Carta Pastoral de D. José ao clero sobre as Visitas Pastorais, em 16.01.1896.

Termo 11: Mandamentos do Sr. Bispo aos vigários sobre diversos assuntos, em 16.01.1896.

Termo 12: Provisão de sacristão em favor de João Schramm, em 26.08.1898.

Termo 13: Provisão de fabricante em favor de Adão Schmidt, em 26.08.1898.

Termo 14: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Antônio Carlos Zimmermann e Gertrudes Hündchen (em 1896).

Termo 15: Provisão de vigário encarregado da paróquia de Gaspar em favor de Fr. Herculano Limpinsel, em 13.02.1897.

Termo 16: Licença para a construção de uma casa para moradia do vigário, em 15.07.1897.

Termo 17: Provisão de fabricante da matriz em favor de Adão Schmidt, em 29.07.1897 (repetido).

Termo 18: Licença para erigir a Via Sacra na matriz, em 13.02.1897.

Termo 19: Faculdade para binar nos domingos e dias santos, em 01.07.1896.

Termo 20: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Bernardino Vicente Pereira e Anna Marcellina (sem data).

Termo 21: Provisão de dispensa matrimonial em favor de João Pedro Zimmermann e Cândida Amélia Schmidt (sem data).

Termo 22: Provisão de vigário encarregado da paróquia de Gaspar, em favor de Fr. Herculano, em 31.01.1898.

Termo 23: Provisão de dispensa matrimonial em favor de João José Pereira e Maria Mariana dos Santos (sem data).

Termo 24: Provisão de dispensa matrimonial em favor de José Jacintho Gonçalves e Francisca Anna de Jesus (sem data).

Termo 25: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Amâncio Dago e Donata Francisca de Jesus (sem data).

Termo 26: Provisão de dispen-

sa matrimonial em favor de João Berner e Maria Altenburg (sem data).

Termos 27-29: Provisões de dispensas matrimoniais em favor de Alberto Benigno da Trindade e Maria da Conceição; João Adão Schmidt e Paulina Gärtner (10.07.1899); João Albano Nogueira e Alexandrina Maria de Jesus.

Termo 30: Provisão de vigário encarregado da paróquia de Gaspar em favor do Pe. Superior do convento dos franciscanos de Blumenau e dos frades sacerdotes do mesmo convento, em 13.02.1899.

Termo 31: A mesma provisão, dada em 29.03.1900.

Termo 32: Nomeação do Rev.mo Pe. Superior para exercer o cargo de vigário, em 06.08.1900.

Termo 33: Provisão dada aos padres que estiverem sob a direção do Superior nomeando-os como coadjutores da paróquia (sem data).

Termo 34: Provisão de D. José de Camargo Barros nomeado o Sr. Adão Schmidt fabricante da paróquia, em 21.04.1896 (repetido).

Termo 35: Provisão de D. José dando licença para a fundação de uma capela em Gasparinho dedicada a S. Antônio, em 03.11.1898.

Termo 36: Termos referentes ao Boletim Eclesiástico nºs.: 3 e 4 sobre a recomendação da invocação a S. Antônio, celebração do aniversário natalício de Leão XII nas paróquias e benefícios do Ano Santo.

Termo 37: Circular recomendando a festa de S. Cruz, em 03.05.1900.

Termo 38: Circular a respeito do Apostolado da Oração (Boletim

Eclesiástico nº. 7).

Termo 39: Circular a respeito do casamento religioso e sua prescrição civil, em 26.07.1900.

Termo 40: Portaria de nomeação do Superior dos franciscanos como vigário encomendado, em 06.08.1900.

Termo 41: Transcrição da Portaria acima citada.

Termo 42 :Fundação da residência dos padres franciscanos, dedicada a São José, em 17.09.1900.

Termo 43: Carta Pastoral do Sr. Bispo sobre a questão do ex-vigário de Palmeira (Boletim Eclesiástico nº. 8).

Termo 44: Decreto Urbis et Orbis de Sua Santidade o papa sobre a bênção do SS. Sacramento, em 02.02.1897.

Termo 45: Recomendação do Sr. Bispo para que se cumpra o Decreto Pontifício, em 03.04.1897.

Termo 46: Carta de D. José despedindo-se do clero e diocesanos, convocado para o Concílio Plenário dos Bispos da América Latina, em 10.04.1899.

Termo 47: Consagração da paróquia de Gaspar ao Sagrado Coração de Jesus e solenidades realizadas, em 20.02.1900.

Termo 48: Portaria do Sr. Bispo concedendo aos párcos e capelães a faculdade de absolver impedimentos in articulo mortis (Boletim Eclesiástico nº. 9)

Termo 49: Provisão de vigário encomendado de Gaspar em favor do Superior dos franciscanos de Blumenau (sem data).

Ano de 1901

Termo 1: Solene homenagem a Jesus Redentor realizada na matriz, em 01.01.

Termo 2: Circular do Sr. Bispo recomendando a recitação do

terço no mês de outubro, em 01.01.

Termo 3: Portaria permitindo aos padres binarem missa em .. 31.12.1900.

Termo 4: Portaria do Sr. Bispo sobre diversos assuntos, em .. 25.11.1900.

Termo 5: Tomada de posse de Fr. Floriano Hein como vigário de Gaspar, em 04.02.

Termos 6-7: Provisões de dispensas matrimoniais em favor de Pedro João Sens e Adelaide Maba (13.04.1901); Cândido Francisco de Oliveira e Maria de Oliveira (20.05); Francisco de Oliveira e Maria de Oliveira (20.05).

Termo 8: Carta Pastoral do Sr. Bispo na qual explica aos diocesanos a Indulgência do Jubileu, em 26.05.1901.

Termo 9: Carta Pastoral do Sr. Bispo pedindo a execução dos Decretos do Concílio Plenário da América Latina, em 24.07.

Termo 10: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Francisco Benigno de Oliveira e Maria Francisca de Oliveira (17.09).

Termo 11: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Amâncio Gouçalves dos Santos e Maria Vicência dos Santos (30.09).

Termo 12: Circular do Sr. Bispo sobre o jornal «A Estrela», pedindo aos vigários sua difusão no meio católico, em 17.12.

Ano de 1902

Termos 13-16: Provisões de dispensas matrimoniais em favor de Jorge João Pereira e Maria Antônia Alves (17.01), Patrício José Soares e Generosa Claudina dos Santos (21.03), Pedro Anastácio Pereira e Maria Vicentina dos Santos (12.04.), Manoel Joaquim Machado e Angelina Agueda (20.05.)

Termo 17: Circular do Sr.

Bispo, instruindo os vigários sobre faculdades na aplicação de missas, em 02.10.1901.

Termo 18: Carta dos Bispos da Província Meridional do Brasil ao clero secular e regular tratando da pastoral coletiva, em 12.11.1901.

Termo 19: Provisão de vigário encomendado de Gaspar, em favor do Superior dos franciscanos de Blumenau, em 29.08.

Termos 20-23: Provisões de dispensas matrimoniais em favor de Benigno Joaquim dos Santos e Maria Justina Rocha (19.09), Antônio Agostinho Anacleto e Bernardina Alexandrina de Jesus ... (19.09), João Manoel Cardoso e Luíntina Alexandrina de Jesus (17.04), Ludovico Kraemer e Elisabeth Oeksler (18.05.).

Termo 24: Provisão de vigário de Gaspar, em favor de Fr. Bruno Linden, em 14.07.1903.

Termos 25-26: Provisões de dispensas matrimoniais em favor de João Justino Patrício e Isabel Lenzi (30.07.1903), Leopoldino Zimmermann e Apolônia Bornhausen (16.09.1903).

Termo 27: Faculdade para benzer as capelas de Gasparinho e Ilhota (sem data).

Termo 28: Provisão dada aos padres franciscanos que estiverem sob a direção do Superior da residência de Gaspar como coadjutores da paróquia, em 14.12.1903.

Termos 29-37: Provisões de dispensas matrimoniais em favor de Pedro Anástácio Pereira e Maria Vicência dos Santos (21.03.1902), Luiz Chicato e Emma Gotz (24.03.1902), João Ambrósio de Lima e Maria Brigida Pereira (02.08.1903), Antônio João Luiz e Maria Evangelista (sem data), João de Andrade e Maria

Faustina dos Santos (29.10.1903), Francisco dos Santos e Lídia Cipriano (17.11.1903), Anastácio de Souza e Ana da Silva (26.12.1903), João Guilherme da Silva e Clementina Correia (05.06.1904).

Termo 38: Termos de falecimento do papa Leão XIII e eleição do papa Pio X, em 04.12.1903.

Termos 39-40: Provisões de dispensas matrimoniais em favor de Jacob Philippe Zimmermann e Maria Luiza (24.03.1903), Amâncio Rebello e Ana Signossa (07.03.1904).

Termo 41: Provisão para benzer a capela de São Vicente, em 25.07.1904.

Termo 42: Licença para a celebração das novenas ao Sagrado Coração de Jesus e Santo Antônio com bênção do SS. Sacramento e estabelecimento de um centro do Apostolado da Oração em Belchior Alto, em 26.05.1904.

Termo 43: Provisão da procissão em honra do Sagrado Coração de Jesus com o SS. Sacramento, em 26.05.1904.

Termo 44: Provisão para a exposição do SS. Sacramento na festa de Santo Antônio, em 26.05.1904.

Termo 45: Provisão de bênção da nova capela de Gasparinho, em 27.05.1904.

Termo 46: Provisão de fundação de uma nova capela em Ilhota em 27.05.1904.

Termo 47: Provisão de vigário encomendado em favor do Superior dos franciscanos, em 12.07.1904.

Termo 48: Carta Pastoral do novo bispo D. Duarte Leopoldo e Silva, saudando seus diocesanos, em 22.05.1904.

Termo 49: Provisão de dispensa matrimonial em favor de João

Hahnemann e Rosalina Zimmermann, em 19.10.1904.

Termo 50: Mandamento de D. Duarte sobre o Retiro Espiritual do Clero, em 15.10.1904.

Termo 51: Carta Pastoral de D. José de Camargo Barros, despedindo-se dos seus diocesanos de Curitiba, em 07.04.1904.

Termo 52: Circular de D. Duarte recomendando o jornal «A Estrela», em 01.11.1904.

Termo 53: Dispensa do Óbulo Diocesano, em 23.11.1904.

Termo 54: Pastoral Coletiva dos bispos da Província Eclesiástica Meridional, em 08.09.1904.

Termo 55: Mandamento de D. José sobre diversos assuntos referentes às paróquias em 17.10.1902.

Termo 56^a) Carta Pastoral de D. José de Camargo Barros ao clero e diocesanos, em 27.08.1903.

Termo 56^b) Mandamento de D. José sobre diversos assuntos, em 19.11.1903.

Termo 57: Carta Coletiva de 07.09.1904 e Mandamento de D.

Duarte Leopoldo e Silva, em 02.01.1905.

Termo 58: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Joaquim Caietano dos Santos e Josefa Cândida de Oliveira, em 26.03.1905.

Termo 59: Circular sobre o Retiro Espiritual do Clero, em 03.05.1905.

Termo 60: Provimento da Visita Pastoral de D. Duarte Leopoldo e Silva à paróquia, em 14.09.1905.

Termos 61-62: Provisões de dispensas matrimoniais em favor de José Oesksler e Luiza Kraemer (26.07.1905), José Manoel da Silva e Maria Leocádia da Silva (29.08.1905).

Termo 63: Provisão de bênção aos dois sinos dedicados ao Sagrado Coração de Jesus e Imaculado Coração de Maria, em 15.11.1905.

Termo 64: Provisão para rubricar e encerrar livros de batizados e casamentos, em 24.09.1905.

Aconteceu...

Abril de 1991

— DIA 1º. — A população tomou conhecimento, através da imprensa, da mortandade de milhares de peixes de pequeno e médio porte, ocasionada em consequência de abertura de uma lagoa, em Tatutiba II, que despejou os peixes num ribeirão próximo, o qual, devido à poluição e a falta de oxigênio na água, destruiu toda aquela quantidade de peixes em fase de crescimento.

— DIA 2 — Para comemorar seu primeiro ano de governo à frente dos destinos de Blumenau, o prefeito Victor Fernando Sasse iniciou a entrega de diversas obras realizadas pela administração municipal. Entre essas obras estão a construção de 23 novas salas de

aula que exigiram o investimento por parte da Prefeitura, de 27 milhões de cruzeiros e que beneficiarão 835 crianças. Neste dia, como primeira etapa, foi inaugurada, às 17,30 horas, a Unidade Pré - Escolar Vila Itoupava, unidade que dará atendimento a 70 crianças entre zero e seis anos de idade. Nesta obra, a Prefeitura investiu 4 milhões de cruzeiros.

— DIA 2 — No sub - solo da Prefeitura Municipal, o prefeito Victor Fernando Sasse inaugurou, em solenidade bastante concorrida, o restaurante destinado aos servidores municipais e que foi denominado "Zum Keller". O novo restaurante tem capacidade para atender cerca de 140 pessoas.

— DIA 02 — Com a presença e numerosas pessoas e, em especial, alunos da E.B.M. "Machado de Assis", pertencentes ao Clube de Ciências daquele educandário, foi prestada homenagem ao sábio Fritz Müller, ao pé da estátua situada na praça que tem o nome do cientista. A homenagem constou de diversas alocações por parte dos alunos, assim como declamações e cantos. Ao encerramento fizeram uso da palavra, em nome da Fundação "Casa Dr. Blumenau" o jornalista José Gonçalves, diretor da instituição e o Diretor daquela Escola Básica, que encerrou as homenagens com vibrante pronunciamento, exaltando a personalidade do homenageado.

— DIA 5 — Sob os auspícios do Departamento Regional do SESC no Estado de SC e o Instituto Nacional do Folclore, foi promovida a exposição "MADEIRA — Presença e Arte", na Universidade Regional de Blumenau (FURB).

A exposição "MADEIRA — Presença e Arte", reúne objetos e fotografias que atestam o diversificado uso de madeira na produção cultural - Popular brasileira, tradicional e contemporânea. A coleção exposta é constituída por exemplares do acervo do Museu de Folclore Edison Carneiro.

— DIA 5 — Às 18 horas o prefeito Victor Fernando Sasse presidiu a solenidade de entrega de quatro salas de aula da Escola Básica Municipal "Felipe Schmidt", localizada na "Schnapstrasse", bairro de Itoupavazinha. As novas salas e aula, que exigiram da Prefeitura o investimento da ordem de Cr\$ 6.800.000,00 (seis milhões e oitocentos mil cruzeiros), beneficiou 280 alunos e constitui mais uma realização do governo Sasse, na área do ensino.

— DIA 6 — Programando diversas solenidades, inclusive festividades no Aero Porto "Quero - Quero", o Aero Clube de Blumenau, neste dia, registrou o transecurso de seus 50 anos de fundação. ao longo dos quais, sempre esteve em evidência, como na atualidade, com suas inúmeras realizações.

— DIA 8 — Foi inaugurado solenemente, na Escola Básica Municipal "Vidal Ramos", um grupo de quatro novas salas de aula, nas quais foram investidos dois milhões e oitocentos mil cruzeiros e que vieram a beneficiar 70 crianças para matrícula naquele educandário.

— DIA 9 — Na Escola Básica Municipal "Pedro I", foi inaugurado, com a presença do prefeito Victor F. Sasse, um auditório e duas salas de aula. As obras custaram quatro milhões e oitocentos mil cruzeiros e trazem expressivo benefício para aquele educandário.

— DIA 10 — No salão de Angelin, da Biblioteca da FURB, o Quarteto Brandão, de São Paulo realizou uma audição musical, interpretando o Quarteto em Fá Maior K 360, de Mozart, perante seleta platéia.

— DIA 10 — Com a presença do prefeito Victor Sasse, foram inauguradas duas novas salas de aula na E.B.M. "Nemésia Margarida. Nas obras foi investida a soma de três milhões e setecentos mil cruzeiros. As novas dependências serão utilizadas por 140 crianças.

— DIA 10 — A Divisão de Promoções Culturais da FURB promoveu a abertura de uma exposição de aquarela e giz pastel, da artista Rose Darius. A mostra ficou exposta no Saguão daquela instituição de ensino.

— DIA 11 — No Pavilhão "C" da PROEB, o popularíssimo e aplaudido músico Ray Conniff maravilhou concorrida platéia com a apresentação de um espetáculo musical que há muitos anos não se presenciava em Blumenau no rol da música popular romântica de todas as origens. Na sua excursão por diversas cidades brasileiras, Ray Conniff está também festejando os seus 54 anos de carreira musical à frente de sua notável orquestra.

— DIA 12 — Com a presença das mais altas autoridades do Estado, lideradas pelo governador Vilson Pedro Kleinubing, contando ainda com o comparecimento do jornalista Roberto Marinho, presidente das Organizações Globo, o prefeito Victor Fernando Sasse fez cumprir-se um vasto programa que marcou a reinauguração da ponte metálica que durante muitos anos serviu à EFSC e que, agora, passou a servir ao trânsito de veículos leves, ligando o bairro Ponta Aguda e a Avenida Martin Luter. A ponte foi inaugurada com a denominação da Ponte "Aldo Pereira de Andrade". Foi um dia festivo. As co-

memorações encerraram-se com um jantar festivo realizado no recinto do salão de festas do Teatro Carlos Gomes, após os convidados terem assistido a um concerto musical.

— DIA 12 — No Quartel do 23º. B. I., foram realizadas diversas solenidades comemorativas pela passagem dos 52 anos de instalação daquela unidade militar em Blumenau.

— DIA 13 — Na Rua Henrique Reif, o prefeito Victor F. Sasse inaugurou o novo Centro Social, com salas que beneficiaram 135 crianças daquele bairro. A Prefeitura investiu naquela obra social e educativa cerca de cinco milhões de cruzeiros.

— DIA 13 — O Grupo de Teatro Amador do C.C. 25 de Julho, apresentou no palco daquela Sociedade cultural, a peça em idioma alemão "Der Heisterluegner", cujo espetáculo foi muito prestigiado.

— DIA 13 — Após ter sido inaugurada no dia anterior, neste dia a antiga ponte ferroviária passou a ser usada por veículos leves, como automóveis e camionetas no trajeto partindo da Avenida Martin Luter e Ponta Aguda. Os trabalhos de restauração demoraram 13 meses.

— DIA 18 — Na Biblioteca Central da FURB, realizou-se a solenidade do lançamento do livro "Curso de Direito Penal", de autoria do Prof. João José Leal, do Centro de Ciências Jurídicas daquela Universidade. A obra, que contém 576 páginas, foi denominada pelos críticos como "uma obra de amor ao magistério e aos estudantes". Por isso, incorpora-se totalmente, ao conjunto de livros didáticos sobre Direito Penal. O autor foi muito aplaudido e homenageado pela oportunidade de sua obra.

— DIA 22 — A imprensa (JSC) anuncia o fechamento da Relojoaria Suíça, uma das mais antigas e tradicionais de Blumenau. A Relojoaria Suíça foi fundada por Fredolino Schwabe há 50 anos, ou seja, em 1941, tendo firmado seu conceito entre a população e arregimentado numerosa clientela ao longo destes anos pela perseverança de seu fundador e familiares, assim como pela lisura que sempre destacou a existência daquele estabelecimento. Agora, com o falecimento de seu titular Fredolino Schwabe, ocorrido dia 18 de março último, sua esposa, viúva dona Rita Schwabe, resolveu encerrar aquelas atividades, já que seu funcionário mais antigo, Wigand Seibel, alcançou sua aposentadoria por tempo de serviço.

— DIA 23 — Na prainha em frete à cidade, os escoteiros ligados ao 5º. Distrito da União dos Escoteiros do Brasil, realizaram um

Fogo de Coselho para comemorar o Dia Mundial do Escoteiro. Mais de 400 pessoas assistiram as apresentações culturais que ali se realizaram.

— DIA 25 — Neste dia, a Central de Plantão da Polícia Civil criada pela Secretaria de Segurança do Estado, iniciou suas atividades em Blumenau, integrada no Projeto Piloto da CPP, passando a funcionar no 4º. Distrito Policial. A Central atenderá também aos casos mais graves, registrados nos 13 municípios da 3ª. Delegacia Circuns-cricional.

— DIA 25 — Dez autores, entre contistas, poetas e romancistas, estiveram presentes na coletiva de autógrafos no Letra Viva, promovido pelo Departamento de Cultura da Prefeitura, juntamente com a Fundação "Casa Dr. Blumenau". Naquela noite, os salões da antiga Prefeitura receberam algumas dezenas de pessoas que compareceram para prestigiar o acontecimento, o qual marcou mais uma vitoriosa etapa na cultura blumenauense. Os contatos de amizade, o calor humano a alegria e o entusiasmo que se observou durante o transcorrer daquela agradável noite de autógrafos, retribuiu, sem dúvida, os esforços empreendidos pelos organizadores do evento. Alice Cardoso Lúcio, Edltraud Zimmermann Fonseca, Enéas Athanázio, Ivo Marcos Theiss, José Endoença Martins, José Gonçalves, Luiz Carlos Amorim, Onofre Jankoski, Paulina Curbani e Urda Alice Klueger, foram os autores que estiveram presentes à vitoriosa noitada de cultura.

— DIA 28 — Em homenagem aos duzentos e cinquenta anos de falecimento do compositor musical Antonio Vivaldi, a Orquestra de Câmara do Teatro Carlos Gomes, promoveu uma bela audição com diversos solistas, sob a regência do maestro Norton Morozowicz. Vivaldi foi autor de 36 óperas, cantatas, motetes, sonatas, concertos, etc., tendo deixado uma grande riqueza musical para a posteridade.

— DIA 30 — Neste dia, o Centro Cultural 25 de Julho engal-nou-se para comemorar seus 37 anos de fundação. Um acontecimen-to importante na vida daquele centro de cultura, que tanto empenho tem revelado, por parte de seus associados e artistas, na preservação da nossa memória histórica, assim como das mais belas tradições tra-zidas para o Brasil pelos pioneiros da antiga Colônia Elumenau. Tra-ta-se, também, de uma entidade que não tem fins lucrativos e, por isso, sempre tem sido difícil sobreviver às diversas crises de ordem financeira. Entretanto, o apoio recebido dos associados e de suas fa-mílias, ano após ano, somando-se ainda às doações de algumas empre-sas que reconhecem o valor da obra do CC. 25 de Julho, tem possi-

bilitado ao clube vencer as dificuldades e manter os princípios saudáveis do cultivo da cultura através da música, do canto de seus corais e da expressão cênica com o domínio do palco e do aprendizado da dança folclórica. Parabéns, C.C. 25 de Julho!

Um pouco de história da Comunidade Evangélica de Badenfurt

A revista alemã "Echo", em seu número 1.202, à página 2914, de 1905, publicou ampla reportagem sobre as atividades da Comunidade Evangélica de Badenfurt. Estampou várias fotos das igrejas da Comunidade Unida daquele bairro de Blumenau, na primeira edição e, noutra, diversas fotos de algumas das 21 escolas da comunidade, cujas fotos foram feitas pelo sr. H. Walbrohl. Diz a revista que: "Estas fotos simples certamente darão muita satisfação para aqueles que têm um coração pela "juventude alemã no estrangeiro". E continua:

"Isto é juventude alemã, nascida sob o céu ensolarado do Brasil mas de descendência alemã e alemã no idioma e costumes! Também provém estas fotos pelo espírito de sacrifício de nossos colonos que não são ricos e que por meios próprios erguem e sustentam suas escolas. O início foi simples como em verdade é todo o começo. Um documento que recebemos nos relata sobre a fundação da escola em Badenfurt, do qual extraímos alguns dados: "A colonização do Vale do Testo (Testo, afluente do Itajaí, este último o rio principal que corta a colônia de Blumenau) começou no ano 1861, com a vinda de seis famílias de Baden, e em honra deste lugar denominaram a colônia "Badenfurt". Naquele tempo tudo ainda era floresta virgem, nenhum caminho levava às margens do rio, e que até o presente momento só alguns madeireiros tinham pisado. Os colonos tinham que passar por uma miserável picada e gastavam para ir as suas propriedades, de Blumenau tantos dias, como hoje gastam horas. A travessia do Itajaí (hoje feita por uma boa ba'sa) era feita de canoas, que manobravam soldados brasileiros que estavam estacionados em Blumenau para este fim" — Com a vinda de mais imigrantes de Hollstein, Pommern e Luxemburg, já em 1867 se chegou a fundar uma sociedade escolar, ao qual se associaram 45 pais de

família. Estes construíram a escola somente com os seus próprios recursos e já em 6 de fevereiro de 1867 puderam inaugurar-la, solenemente pelo único pastor religioso da colônia. O primeiro professor foi o senhor Reinhold Freygang, ao qual devemos o documento, que ele finaliza com verdadeiro desejo patriótico: "Que todos considerem por sagrada obrigação, preservar cultura e costumes alemães, para que nossos descendentes sejam representantes dignos da nobre tribo germânica e não deixando sufocar os brotos de sua descendência para que se desenvolvessem em troncos fortes e raízes resistentes, onde suas folhagens frondosas abriguem um povo feliz e alemães, unidos com brasileiros! Que isto permita Deus!"

Também a escola no Weissbach, começou simples e humilde. O senhor August Müller irmão do famoso naturalista Dr. Fritz Müller que viveu e morreu em Blumenau, de início lecionava em sua própria casa na Weissbach para seus próprios filhos e algumas outras crianças. Mais tarde também aqui foi fundada uma comunidade escolar e uma escola foi construída onde o senhor August Müller foi contratado como primeiro professor, ocupando este cargo por 26 anos. Aos retratos das escolas se une um retrato de família colonial alemã bem situada. De ambos os lados dos noivos vemos os pais senhor Adolf Marx e esposa, de Badenfurt. O final completa um retrato do primeiro modesto lar do senhor F. Donner, em Timbó. De uma simples choupana de barro, coberto com folhas de palmeira, com os anos transformou-se num vistoso grupo de casas, uma das casas comerciais mais significativas da Colônia Blumenau.

FONTE: "Das Echo" — Ano XXIV —
Nº. 1202, pg. 2914, 1905.
(TRADUÇÃO: Edith Sophia Eimer.)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Frederico Kilian; vice-presidente — Urda Alice Klueger.

MEMBROS: Julio Zadrozny — Sra. Ilse Schmider — Martinho Bruning — Ernesto Stodieck Jr. — Ingo Wolfgang Hering — Aiga Barreto — Rolf Ehlike — Arthur Fouquet e Frank Graff.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA